



FESTIVAL DE TEATRO AMADOR ELIETE FERNANDES

LANÇAMENTO ESPECIAL



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.59>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Dr. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaufort
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I. Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 6, n. 59 (jun. 2025). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2025. 238 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.59

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2025

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalterntaivo.com.br
CNPJ: 28.657. 494/0001-09

05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

10 Educação & Literatura

Mirella Clerici Loayza

12 ENTRE LINHAS E LOUSAS

Bianca de Assis Pirahy

17 POIESIS

13 DESTAQUE Festival de Teatro Amador Eliete Fernandes

ARTIGOS

1. IMPACTO DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS NA GARANTIA DO SUCESSO DO BANCO DE POUPANÇA E CRÉDITO EM 2022	
<i>Adriano Kiaku Mbuta Afonso Tunga</i>	19
2. DIFICULDADES EMOCIONAIS: SUPERANDO TRAUMAS E DIFICULDADES EMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO	
<i>Angélica Rodrigues Valentin</i>	25
3. IMPACTO DAS MICROFINANÇAS NA ECONOMIA INFORMAL NO MUNICÍPIO DE MALANJE PROVÍNCIA DE MALANJE	
<i>Antônio da Silva Bige</i>	35
4. GESTÃO ESTRATÉGICA COMO INDICADOR DE DESEMPENHO POSITIVO E COMPETITIVO NAS EMPRESAS. O CASO DA EDIÇÕES NOVEMBRO, EMPRESA PÚBLICA 2023	
<i>Bernarda Domingos Martins</i>	43
5. A IMPORTÂNCIA DO CÓDIGO DE ÉTICA NAS ORGANIZAÇÕES	
<i>Cristina Sena da Conceição</i>	49
6. PEDAGOGIA DA SAÚDE UMA PRÁTICA NECESSÁRIA	
<i>Edson da Conceição Graça</i>	55
7. TRABALHANDO A DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Elisete Vicente da Silva Oliveira</i>	65
8. IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
<i>Fortuna Neto Figueiredo Vitangui</i>	83
9. DIVULGAÇÃO DA INFORMAÇÃO FINANCEIRA: SEUS PRINCIPAIS MODELOS TEÓRICOS	
<i>Francisco de Assis / Nelito Antônio</i>	93
10. RODA DE CONVERSA	
<i>Girlene Nascimento da Silva Mantovani</i>	99
11. ADMINISTRAÇÃO ESTRATÉGICA: MODELO BASEADO EM RECURSOS (RBV) COM RETORNOS ACIMA DA MÉDIA, STAKEHOLDERS E LIDERANÇA ESTRATÉGICA	
<i>José Campos Kifuba</i>	107
12. RACISMO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA ANTIRRACISTA E ECOLÓGICA	
<i>Juliana da Silva Oliveira</i>	119
13. EDUCAÇÃO E LETRAMENTO: A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Juliana Guimarães de Sousa</i>	127
14. ESTIMA COMO FERRAMENTA PARA DIVULGAÇÃO DE MARCAS NA GESTÃO ESTRATÉGICA DE EMPRESAS	
<i>Lígia Sandra Luquessa Nzandi</i>	133
15. TEATRO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA UMA EDUCAÇÃO DINÂMICA	
<i>Luzinete Bispo dos Santos</i>	141
16. A PROBLEMATIZAÇÃO DO BULLYING ATRAVÉS DO CINEMA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO E IMPACTO SOCIAL	
<i>Marcelo Santos de Mascarenhas</i>	151
17. MICROPLÁSTICOS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA NAS ESCOLAS	
<i>Maria Aparecida da Silva</i>	159
18. TRANSTORNO E DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
<i>Mariangela de Jesus Chagas</i>	165
19. TABAGISMO E CIGARRO ELETRÔNICO: RISCOS À SAÚDE E ENVELHECIMENTO DA PELE	
<i>Marilena Wackler</i>	173
20. ANÁLISE CRÍTICA DO RESULTADO DO EXERCÍCIO NA DISTRIBUIÇÃO DO LUCRO FACE ÀS DISPONIBILIDADES: CASO ENDIAMA (2021)	
<i>Mbengui Nzinga Daniel</i>	179
21. DESAFIOS DOS EDUCADORES DA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS EXPATRIADAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	
<i>Mirella Clerici Loayza</i>	183
22. O PAPEL DO GESTOR DE RECURSOS HUMANOS NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS E ORGANIZACIONAIS	
<i>Muxima Ribeiro Joaquim Faustino</i>	193
23. GÊNERO, RAÇA E FRACASSO ESCOLAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DE GUACIRA LOPES LOURO E NILMA LINO GOMES	
<i>Solange Aparecida Silva</i>	203
24. PROGRAMA SÃO PAULO INTEGRAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: TEORIA E PRÁTICA EM FOCO	
<i>Tânia Maria Pereira Castro</i>	211
25. ALIMENTAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: CUIDADOS, VÍNCULOS E AUTONOMIA NA CRECHE SOB A ABORDAGEM PIKLER	
<i>Thais Maranhão Pereira Rodrigues</i>	217
26. O MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Viviane Marcia Santos de Mascarenhas</i>	227

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores: _____



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



GÊNERO, RAÇA E FRACASSO ESCOLAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DE GUÁCIRA LOPES LOURO E NILMA LINO GOMES

SOLANGE APARECIDA SILVA¹

RESUMO: Este artigo aborda o fracasso escolar no Brasil a partir das interseccionalidades de gênero e raça, utilizando como referência as obras de Guacira Lopes Louro e Nilma Lino Gomes. A análise destaca como as desigualdades de gênero e o racismo estrutural impactam profundamente o desempenho escolar de meninas e estudantes negros, perpetuando ciclos de exclusão e marginalização. Guacira Lopes Louro enfatiza a importância de desconstruir os estereótipos de gênero que limitam as oportunidades educacionais das meninas, enquanto Nilma Lino Gomes chama a atenção para as barreiras impostas pelo racismo, que afetam não apenas o acesso à educação, mas também a permanência e o sucesso escolar de estudantes negros. O texto evidencia que o fracasso escolar não é um problema individual, mas sim um fenômeno social complexo, influenciado por estruturas de poder que privilegiam determinados grupos em detrimento de outros. Conclui-se que a superação do fracasso escolar exige uma educação antirracista e não sexista, que promova a equidade e o respeito à diversidade. Isso implica a adoção de políticas públicas inclusivas, a formação de professores conscientes das questões de gênero e raça, e a criação de um ambiente escolar que valorize as diferenças e combata todas as formas de discriminação. Somente assim será possível construir uma educação verdadeiramente transformadora e justa.

Palavras-chave: Fracasso escolar, gênero, raça, Guacira Lopes Louro, Nilma Lino Gomes.

INTRODUÇÃO

O fracasso escolar não pode ser analisado de forma isolada, sem considerar as dimensões de gênero e raça, que se intersectam e ampliam as desigualdades sociais de maneira significativa. Essas dimensões não são fatores independentes, mas sim variáveis que se combinam de maneiras complexas, criando situações de opressão e exclusão que afetam diretamente o acesso e o desempenho dos estudantes no ambiente escolar. A análise do fracasso escolar, portanto, deve ser entendida em um contexto mais amplo, que leve em conta a

interseção entre fatores estruturais, como as desigualdades de classe, gênero e raça, e as práticas e políticas educacionais.

No contexto brasileiro, onde as desigualdades sociais são profundas e historicamente enraizadas, meninas e estudantes negros enfrentam barreiras adicionais que impactam diretamente seu desempenho escolar, limitando suas oportunidades de aprendizado e sucesso acadêmico. Para as meninas, a educação frequentemente se configura como um espaço de repetição de estereótipos de gênero, que moldam suas expectativas e aspirações desde

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Ibirapuera. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Campos Eliseos, FCE. Pós-graduada em Educação Docência no Ensino Superior Lato Sensu em Nível de Especialização pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

cedo. As expectativas sociais, que ainda associam as meninas a papéis domésticos ou a áreas de conhecimento tradicionalmente femininas, podem fazer com que elas se sintam desencorajadas a seguir carreiras em áreas como ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Esse fenômeno não se dá apenas por influência familiar ou pessoal, mas também por meio de práticas pedagógicas que não incentivam de maneira equitativa o protagonismo feminino, reforçando um ciclo de invisibilidade e subrepresentação.

Simultaneamente, os estudantes negros, principalmente os de origem periférica, enfrentam um conjunto de obstáculos que vai além das dificuldades materiais. O racismo estrutural, que permeia as instituições e as relações sociais, tem um impacto direto sobre o rendimento acadêmico dos estudantes negros. No ambiente escolar, esses estudantes frequentemente se deparam com o desinteresse ou a hostilidade de professores e colegas, o que pode desmotivá-los e prejudicar seu senso de pertencimento e autoestima. Além disso, a falta de representatividade negra nas escolas e a ausência de uma educação que contemple a história e a cultura afro-brasileira contribuem para a marginalização desses alunos, que se sentem muitas vezes invisibilizados e desvalorizados em um sistema que não reconhece sua identidade e experiências.

Essas barreiras estruturais e culturais resultam em desigualdades significativas no desempenho escolar de meninas e estudantes negros, que são mais suscetíveis ao fracasso escolar devido à confluência desses fatores. A ausência de políticas públicas eficazes e de práticas pedagógicas inclusivas exacerba essas disparidades, tornando-as um obstáculo real ao sucesso acadêmico e à equidade no sistema educacional. Portanto, é imprescindível que a educação brasileira, e globalmente, adote uma abordagem interseccional, reconhecendo e enfrentando as múltiplas formas de discriminação que se entrelaçam na experiência escolar. Somente assim será possível garantir um

ambiente educacional verdadeiramente igualitário, que permita que todos os estudantes, independentemente de seu gênero ou raça, tenham as mesmas oportunidades de aprender, crescer e alcançar seu pleno potencial.

Essas barreiras são resultados de um sistema que combina estruturas de opressão interligadas, como o sexismo e o racismo, que se manifestam de maneira explícita e sutil tanto nas relações interpessoais quanto nas políticas e práticas educacionais. Esses mecanismos de exclusão operam de forma histórica e persistente, moldando as experiências educacionais de grupos marginalizados e perpetuando desigualdades estruturais.

Guacira Lopes Louro, em suas reflexões sobre gênero, destaca como os estereótipos e as expectativas sociais em relação às meninas influenciam profundamente sua trajetória escolar. Desde a infância, muitas meninas são condicionadas a desempenhar papéis de cuidado e submissão, o que impacta sua autoconfiança e suas aspirações profissionais. Esse cenário se reflete especialmente em áreas como ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), onde a presença feminina ainda é minoritária devido à falta de incentivo, à ausência de referências positivas e à reprodução de um currículo que pouco valoriza as contribuições das mulheres nesses campos. Essa exclusão não ocorre apenas de maneira direta, por meio de discursos desmotivadores, mas também de forma estrutural, com a carência de políticas educacionais que promovam a equidade de gênero nas escolas.

Por outro lado, Nilma Lino Gomes chama a atenção para o racismo estrutural, que atua de forma sistêmica para limitar o acesso de estudantes negros a uma educação de qualidade. Esse fenômeno vai além das barreiras materiais, como a desigualdade no financiamento das escolas, e se manifesta na construção de um ambiente educacional frequentemente hostil para esses estudantes. A desvalorização da identidade e da cultura negra dentro das escolas ocorre, por exemplo, na ausência de referências

afrocentradas nos materiais didáticos, na desqualificação dos saberes e na naturalização da baixa expectativa em relação ao desempenho dos alunos negros. Além disso, o racismo institucionalizado se expressa na maior incidência de punições e advertências dirigidas a esses estudantes, reforçando um ciclo de exclusão que compromete seu pertencimento e desenvolvimento acadêmico.

Assim, tanto o sexismo quanto o racismo estruturam barreiras que afetam diretamente a vivência escolar, limitando oportunidades e restringindo o pleno desenvolvimento dos indivíduos. Para superar esses desafios, é fundamental que a educação adote uma abordagem interseccional, reconhecendo e combatendo as múltiplas formas de opressão que atravessam os sujeitos. Isso requer a implementação de políticas públicas que garantam representatividade, formação docente voltada para a equidade e a construção de um currículo que valorize a diversidade como um pilar essencial para a transformação social.

Essas autoras são referências fundamentais para discutir essas questões, ao evidenciarem como o sexismo e o racismo estão profundamente enraizados no cotidiano escolar, afetando desde a autoestima dos estudantes até as práticas pedagógicas adotadas pelos educadores. Este artigo busca refletir sobre como essas opressões, interligadas e interdependentes, contribuem para o fracasso escolar, perpetuando ciclos de exclusão e marginalização. Além disso, propõe-se a explorar caminhos possíveis para superar essas barreiras, como a implementação de políticas públicas inclusivas, a formação de professores sensíveis às questões de gênero e raça, e a criação de um currículo escolar que valorize a diversidade e promova a equidade. A construção de uma educação verdadeiramente transformadora exige o reconhecimento dessas desigualdades e o compromisso coletivo com práticas antirracistas e não sexistas, capazes de garantir que todos os estudantes tenham oportunidades iguais de desenvolvimento e sucesso.

DESENVOLVIMENTO

Guacira Lopes Louro, em sua obra seminal *Gênero, Sexualidade e Educação* (1997), argumenta que a escola é um espaço fundamental onde as normas de gênero são não apenas reproduzidas, mas também reforçadas, perpetuando desigualdades que transcendem o ambiente escolar e se refletem em todas as esferas da vida social. Ela afirma que "a escola não é neutra em relação ao gênero; ela produz e reproduz desigualdades" (p. 45), destacando como o sistema educacional está intrinsecamente ligado às estruturas sociais mais amplas que privilegiam determinados grupos em detrimento de outros. Para Louro, a escola não é um ambiente isolado, mas sim um microcosmo da sociedade, onde as relações de poder e as hierarquias de gênero são reproduzidas e naturalizadas. O fracasso escolar de meninas, por exemplo, não pode ser dissociado das expectativas sociais que as colocam em papéis tradicionalmente associados ao cuidado doméstico e à maternidade, muitas vezes em detrimento de sua formação intelectual e profissional. Essas expectativas, internalizadas desde a infância por meio de processos de socialização, limitam suas aspirações e oportunidades, criando barreiras invisíveis que dificultam seu pleno desenvolvimento acadêmico. Louro ressalta que, enquanto os meninos são incentivados a explorar áreas como ciências, tecnologia e liderança, as meninas são frequentemente direcionadas para atividades consideradas "femininas", como artes e humanidades, reforçando estereótipos que as colocam em posições subalternas. A autora chama a atenção para o fato de que a escola, ao invés de desafiar essas normas, muitas vezes as reforça por meio de práticas pedagógicas, currículos e interações que privilegiam os meninos e marginalizam as meninas.

Essa dinâmica não apenas restringe o potencial das meninas, mas também contribui para a manutenção de um sistema educacional que reproduz desigualdades de gênero. Louro defende a necessidade de uma educação que

questione e desconstrua essas normas, promovendo um ambiente escolar inclusivo e equitativo, onde todas as identidades de gênero sejam valorizadas e respeitadas. Sua reflexão é essencial para compreender como o fracasso escolar está intrinsecamente ligado a questões de gênero e como a superação desse problema exige uma transformação profunda nas práticas e políticas educacionais, de modo a garantir que todas as estudantes, independentemente de seu gênero, tenham oportunidades iguais de sucesso e realização.

A autora ressalta que a escola, ao invés de desafiar esses estereótipos, frequentemente os reforça por meio de práticas pedagógicas, currículos e interações que privilegiam os meninos em áreas como ciências exatas e tecnologia, enquanto direcionam as meninas para atividades consideradas "femininas". Essa dinâmica não apenas restringe o potencial das meninas, mas também contribui para a manutenção de um sistema educacional que reproduz desigualdades de gênero. Louro defende a necessidade de uma educação que questione e desconstrua essas normas, promovendo um ambiente escolar inclusivo e equitativo, onde todas as identidades de gênero sejam valorizadas e respeitadas. Sua reflexão é essencial para compreender como o fracasso escolar está intrinsecamente ligado a questões de gênero e como a superação desse problema exige uma transformação profunda nas práticas e políticas educacionais.

Nilma Lino Gomes, em sua obra *O Movimento Negro Educador* (2017), oferece uma análise profunda e necessária sobre o impacto do racismo na educação brasileira. Ela destaca que "o racismo estrutural se manifesta na escola por meio de currículos eurocêntricos, da falta de representatividade e da violência simbólica contra estudantes negros" (p. 89), evidenciando como as práticas e políticas educacionais estão impregnadas de uma lógica que marginaliza e inferioriza as identidades e culturas afro-brasileiras.

Gomes argumenta que o currículo escolar

tradicional, centrado em perspectivas europeias, ignora e invisibiliza as contribuições históricas, culturais e científicas dos povos africanos e afrodescendentes, reforçando uma narrativa que privilegia a branquitude e desvaloriza a diversidade racial. Além disso, a autora chama a atenção para a violência simbólica que estudantes negros enfrentam no ambiente escolar, que se manifesta em formas sutis, mas profundamente danosas, como piadas racistas, estereótipos negativos e a negação de sua identidade cultural. Essas práticas não apenas afetam a autoestima e o desempenho acadêmico desses estudantes, mas também perpetuam ciclos de exclusão e desigualdade.

Diante desse cenário, Gomes defende a implementação de uma educação antirracista, que não apenas reconheça e valorize a cultura afro-brasileira, mas também promova ativamente a desconstrução de preconceitos e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Isso inclui a revisão dos currículos escolares para incorporar conteúdos que reflitam a história e a cultura africana e afro-brasileira, a formação de professores para lidar com as questões raciais de forma crítica e sensível, e a criação de um ambiente escolar que combata todas as formas de discriminação racial. A obra de Gomes é um chamado urgente para a transformação do sistema educacional, apontando caminhos para uma educação que verdadeiramente respeite e celebre a diversidade, contribuindo para a superação do racismo e a promoção da equidade racial.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2020) revelam uma realidade preocupante no cenário educacional brasileiro: estudantes negros apresentam taxas de reprovação e evasão escolar significativamente superiores às de estudantes brancos. Essa disparidade reflete as profundas desigualdades raciais que permeiam o sistema educacional, evidenciando como o racismo estrutural se manifesta na trajetória escolar desses jovens. Além disso, as meninas negras são particularmente afetadas

por essa realidade, pois enfrentam uma dupla discriminação, resultante da intersecção entre gênero e raça. Enquanto o racismo as coloca em desvantagem em relação aos estudantes brancos, o sexismo impõe barreiras adicionais, limitando suas oportunidades e reforçando estereótipos que as associam a papéis subalternos. Essas desigualdades são ainda mais agravadas pela ausência de políticas públicas eficazes que promovam a equidade na educação.

A falta de iniciativas voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira, a formação de professores para lidar com questões raciais e de gênero, e a criação de ambientes escolares inclusivos contribui para a perpetuação dessas disparidades. Sem ações concretas que enfrentem o racismo e o sexismo no âmbito educacional, o sistema continuará a reproduzir desigualdades, negando a milhares de estudantes negros, especialmente meninas, o direito a uma educação de qualidade e ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Esses dados reforçam a urgência de políticas públicas que não apenas reconheçam essas desigualdades, mas que também atuem de forma intencional e sistemática para superá-las, garantindo que todos os estudantes, independentemente de gênero ou raça, tenham acesso a uma educação equitativa e transformadora.

É necessário que as políticas educacionais sejam desenhadas com base em evidências e com um olhar atento às interseccionalidades que permeiam as experiências dos estudantes, especialmente daqueles que estão em maior situação de vulnerabilidade, como meninas negras e estudantes de comunidades periféricas. Isso inclui a implementação de ações afirmativas, como cotas raciais e sociais, que já demonstraram ser eficazes na promoção da inclusão no ensino superior, mas que também precisam ser expandidas para outras etapas da educação básica. Além disso, é fundamental investir na formação continuada de professores, capacitando-os para lidar com as questões de

gênero e raça de forma crítica e reflexiva, bem como na criação de materiais didáticos que valorizem a diversidade cultural e combatam estereótipos.

A infraestrutura das escolas também deve ser priorizada, garantindo ambientes seguros e adequados para o aprendizado, especialmente em regiões onde as desigualdades são mais acentuadas. Programas de apoio psicossocial e pedagógico, como tutoria e acompanhamento individualizado, podem ajudar a reduzir as taxas de reprovação e evasão, especialmente entre estudantes negros e de baixa renda. Por fim, é essencial que essas políticas sejam monitoradas e avaliadas de forma constante, para que possam ser ajustadas e aprimoradas ao longo do tempo, garantindo que seus objetivos sejam alcançados.

Somente com um compromisso coletivo e ações concretas será possível transformar o sistema educacional em um espaço verdadeiramente inclusivo, onde todos os estudantes, independentemente de gênero, raça, classe social ou origem, tenham a oportunidade de desenvolver seu potencial e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Esse compromisso deve envolver todos os atores sociais, desde governos e instituições educacionais até famílias e comunidades, em um esforço coordenado para enfrentar as desigualdades estruturais que permeiam o sistema educacional. É necessário que as políticas públicas sejam formuladas com base em evidências e com um olhar interseccional, considerando como gênero, raça e classe se inter-relacionam para produzir diferentes formas de exclusão e marginalização. Além disso, a formação de professores deve ser priorizada, capacitando-os para lidar com as diversidades de forma crítica e sensível, e para adotar práticas pedagógicas que promovam a equidade e o respeito às diferenças. As escolas precisam ser espaços onde a diversidade cultural, racial e de gênero seja não apenas reconhecida, mas celebrada, por meio de currículos que incluam as contribuições históricas

e sociais de grupos marginalizados e de práticas que combatam estereótipos e preconceitos. A infraestrutura escolar também deve ser adequada para garantir um ambiente seguro e acolhedor, especialmente para estudantes em situação de vulnerabilidade. Programas de apoio psicossocial, como acompanhamento individualizado e tutoria, podem ajudar a reduzir as taxas de reprovação e evasão, enquanto iniciativas que promovam a participação das famílias e da comunidade no processo educativo fortalecem os vínculos entre escola e sociedade.

Por fim, é essencial que essas ações sejam monitoradas e avaliadas de forma constante, por meio de mecanismos eficazes que permitam não apenas identificar desafios e lacunas, mas também reconhecer avanços e boas práticas que possam ser ampliadas e replicadas. Isso implica a criação de indicadores de impacto, a realização de pesquisas e a escuta ativa de todos os envolvidos no processo educacional, incluindo professores, estudantes, famílias e gestores. Somente com um acompanhamento contínuo será possível realizar ajustes e aprimoramentos que garantam a efetividade das estratégias adotadas e a concretização de seus objetivos.

Além disso, a implementação de políticas educacionais inclusivas e transformadoras exige um compromisso duradouro, que vá além de gestões governamentais pontuais e se traduza em uma agenda perene de equidade e inclusão. O investimento em formação continuada para educadores, a ampliação do acesso a materiais pedagógicos diversificados e o fortalecimento da participação social são medidas fundamentais para consolidar um sistema educacional que não apenas inclua, mas também empodere todos os estudantes.

Ao proporcionar um ambiente escolar onde cada indivíduo se sinta valorizado, respeitado e incentivado a desenvolver seu potencial pleno, criam-se as condições para que esses estudantes se tornem agentes de transformação em suas comunidades e na sociedade como um todo. Essa transformação,

no entanto, exige não apenas mudanças estruturais, como investimentos em infraestrutura acessível e metodologias pedagógicas inovadoras, mas também uma mudança cultural profunda.

Valorizar a diversidade como um pilar fundamental da educação significa desconstruir preconceitos arraigados, promover o diálogo intercultural e estimular o respeito às diferentes formas de conhecimento e expressão. Somente ao cultivar uma mentalidade coletiva que enxergue a pluralidade como riqueza será possível construir um futuro mais justo, igualitário e verdadeiramente democrático, onde a educação cumpra seu papel essencial de formação cidadã e emancipação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fracasso escolar no Brasil é um fenômeno profundamente marcado pelas interseccionalidades de gênero e raça, que ampliam e complexificam as desigualdades educacionais. Como destacam Guacira Lopes Louro e Nilma Lino Gomes, a escola não é um espaço neutro, mas um ambiente onde as estruturas de poder baseadas no sexismo e no racismo se reproduzem, afetando diretamente o desempenho e a permanência de estudantes marginalizados. Louro, em suas reflexões sobre gênero e sexualidade, aponta que as expectativas sociais em relação às meninas, especialmente as negras, muitas vezes as colocam em posições de subalternidade, limitando suas oportunidades educacionais. Já Gomes enfatiza que o racismo estrutural se manifesta na escola por meio de currículos eurocêntricos, da falta de representatividade e da violência simbólica, que deslegitimam as identidades e saberes dos estudantes negros.

Diante desse cenário, é urgente repensar a prática pedagógica e as políticas educacionais, de modo que sejam verdadeiramente inclusivas e promotoras de equidade. Isso implica não apenas reconhecer as desigualdades, mas também adotar medidas concretas para combatê-las. A superação do fracasso escolar exige o

enfrentamento direto do sexismo e do racismo, que se manifestam tanto nas relações cotidianas dentro da escola quanto nas estruturas mais amplas do sistema educacional.

Além disso, é fundamental valorizar a diversidade como um pilar central da educação, reconhecendo que as diferenças culturais, de gênero, raça e origem social são elementos enriquecedores que devem ser celebrados e integrados ao processo educativo. Isso implica a incorporação de perspectivas antirracistas e não sexistas em todas as dimensões do sistema educacional, desde os currículos até as práticas pedagógicas e a formação docente. Os currículos escolares precisam ser revisados para incluir conteúdos que reflitam a história, a cultura e as contribuições dos povos africanos, afro-brasileiros, indígenas e de outras minorias, rompendo com a visão eurocêntrica que ainda predomina.

A formação de professores também deve ser repensada, preparando os educadores para lidar de forma crítica e sensível com as questões de gênero e raça, capacitando-os a criar ambientes de aprendizagem inclusivos e respeitosos. Nas práticas escolares, é essencial adotar abordagens que combatam estereótipos, preconceitos e discriminações, promovendo o diálogo e a valorização das identidades plurais que compõem a sociedade brasileira. Somente por meio de uma educação que respeite e celebre as diferenças será possível construir um sistema educacional mais justo e democrático, onde todos os estudantes, independentemente de seu gênero, raça ou origem social, tenham oportunidades iguais de desenvolvimento e sucesso.

Essa transformação exige um compromisso coletivo, no qual governos, escolas, famílias e comunidades atuem de forma integrada e contínua para promover uma educação verdadeiramente inclusiva e democrática. Isso significa que as políticas públicas devem assegurar recursos adequados, formação docente de qualidade e currículos que

contemplem a diversidade cultural, social e individual dos alunos. As escolas, por sua vez, precisam se tornar espaços de acolhimento e valorização das diferenças, garantindo metodologias que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem e incentivem o protagonismo dos estudantes.

Além disso, as famílias desempenham um papel fundamental ao estabelecer um vínculo de colaboração com a escola, participando ativamente do processo educativo e contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais receptivo e estimulante. As comunidades, por sua vez, devem fortalecer redes de apoio que auxiliem na superação de desigualdades e promovam oportunidades equitativas para todos os estudantes.

Somente por meio dessa articulação entre diferentes agentes sociais será possível consolidar uma educação que vá além da transmissão de conteúdos, tornando-se, de fato, um instrumento de emancipação e transformação social. Dessa maneira, cria-se um ambiente propício para o desenvolvimento pleno dos indivíduos, garantindo que a equidade e o respeito à diversidade sejam princípios fundamentais em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: Saberes Construídos nas Lutas por Emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- INEP. *Censo Escolar 2020*. Brasília: Ministério da Educação, 2020.



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adriano Kiaku Mbuta Afonso Tunga
Angélica Rodrigues Valentin
António da Silva Bige
Bernarda Domingos Martins
Cristina Sena da Conceição
Edson da Conceição Graça
Elisete Vicente da Silva Oliveira
Fortuna Neto Figueiredo Vitangui
Francisco de Assis e Nelito António
Girleene Nascimento da Silva Mantovani
José Campos Kifuba
Juliana da Silva Oliveira
Juliana Guimarães de Sousa
Lígia Sandra Luquessa Nzandi
Luzinete Bispo dos Santos
Marcelo Santos de Mascarenhas
Maria Aparecida da Silva
Mariangela de Jesus Chagas
Marilena Wackler
Mbengui Nzinga Daniel
Mirella Clerici Loayza
Muxima Ribeiro Joaquim Faustino
Solange Aparecida Silva
Tânia Maria Pereira Castro
Thaís Maranhão Pereira Rodrigues
Viviane Marcia Santos de Mascarenhas



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.59>



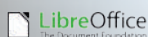
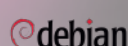
Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Parceiros:

